

AUTOR

**Paulo Ricardo
Kralik Angelini ***

paulo.angelini@
pucrs.br

* Doutor em Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Brasil). Professor adjunto na Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS, Brasil).

Brasil: representações do esporte e do corpo na literatura portuguesa do século XXI

Brasil: representaciones del deporte y del cuerpo en la literatura portuguesa del siglo XXI

Brazil: Representations of the sport and the body in the Portuguese literature of the 21st century

RESUMO

O Brasil, por séculos, tem alimentado os mais diversos estereótipos a partir do olhar estrangeiro. Este artigo pretende resgatar algumas cenas e imagens, retiradas de narrativas portuguesas do século XXI, que têm como foco o elemento esportivo e confirmem a construção simbólica que o Brasil carrega. Neste sentido, a partir de passagens que trazem o esporte como referência, em especial o futebol, pretendo discutir clichês que contribuem para a reiteração de uma ideia preconcebida do brasileiro como povo alegre, pouco confiável e esportista. Além disso, há o corpo, indissociável a uma vida ativa construída ao ar livre, visto como objeto de sedução e frequentemente associado à característica da sensualidade inata do brasileiro.

RESUMEN

Brasil ha alimentado, durante siglos, los más diversos estereotipos a partir de la mirada extranjera. Este artículo rescata algunas escenas e imágenes extraídas de narrativas portuguesas del siglo XXI, centradas en el elemento deportivo y que confirman la construcción simbólica con la que carga este país. En ese sentido, a partir de pasajes que tiene el deporte, y en particular el fútbol, como referencia, voy a hablar sobre los clichés que contribuyen a la reiteración de una idea preconcebida del brasileño como un pueblo alegre, poco fiable y deportista. Además, está el cuerpo, íntimamente vinculado a una vida activa al aire libre, visto como un objeto de seducción y a menudo asociado a una sensualidad innata, considerada una característica típica del brasileño.

ABSTRACT

To the foreign eye, and for centuries, Brazil has been feeding the most diverse range of stereotypes. This article seeks to rescue some scenes and images, taken from Portuguese narratives of the 21st century, which focus on the sporting element and confirm this symbolic construction that Brazil carries. In this sense, from passages referring to sports, in particular football, is intended to discuss clichés that contribute to the reiteration of a preconceived idea of Brazilians as cheerful, unreliable and sporty people. In addition, there is the physical body, inseparable from an active outdoors lifestyle, seen as the object of seduction and often associated with the innate sensuality trait of the Brazilian.

1. O que se diz e como se diz, a presença do brasileiro na literatura portuguesa do século XXI

Num estudo de fôlego sobre a emigração brasileira, a antropóloga norte-americana Maxine L. Margolis, na obra *Goodbye, Brazil: emigrantes brasileiros no mundo* (2013), investiga a invisibilidade do brasileiro em lugares como os Estados Unidos, e afirma o que parece ser regra na construção do estigma: “Saber muito pouco sobre o Brasil e estereotipar o pouco que se sabe” (p. 225).

Processo contrário parece ocorrer em Portugal, onde o brasileiro está longe de ser invisível. Lá, ele sofre de um excesso de visibilidade (chamemos de hipervisibilidade). Não apenas porque desde o final dos anos 1980 o brasileiro imigrante é presença constante em Portugal¹ e forma a maior comunidade estrangeira no país, mas especialmente porque o Brasil, de alguma forma, sempre ocupou espaço privilegiado no mapa afetivo e mítico do português.

Este *contato constante* encaminha-se para aquilo que chamo de *presença incômoda*, uma vez que cresce no pensamento do português que o brasileiro é responsável pela maioria das mazelas sociais que o país enfrenta. Margolis, na obra já citada, afirma que frequentemente o desconhecimento de uma cultura é o caminho direto para a construção do estereótipo.

Ela recupera o famoso episódio de *Os Simpsons*, que causou revolta no Brasil, no qual Homer e sua família visitam o Rio de Janeiro, passeiam por favelas infestadas de ratos, são espancados por macacos furiosos na praia de Copacabana e são assaltados por pivetes. Para completar, Homer é sequestrado por um motorista de táxi (Margolis, 2013, p. 229). O deboche do desenho animado, famoso aliás por suas ácidas críticas à sociedade contemporânea, utiliza-se, na verdade, de um manancial de imagens negativas atreladas desde sempre ao Brasil e ao brasileiro.

Poderíamos supor, porém, que duas nações de alguma forma irmanadas, com uma herança linguística e cultural conhecidas e aproximadas, não entrariam neste campo da caricatura, como outras estrangeiras fazem de nós. Mas, quando pensamos nas cicatrizes de nosso processo colonial, entendemos as formas como somos estigmatizados, a forma como brasileiros e portugueses estereotipam-se mutuamente. Na obra *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*, Hugo Gonçalves traz todos os clichês desta tumultuada relação. O narrador-personagem, um assessor político português que emigra para o Brasil, fugindo da crise, afirma:

Clichês frequentes sobre os portugueses no Brasil: as mulheres têm bigode, os homens chamam-se Manuel ou Joaquim, e todos os portugueses dizem: “Ora pois”. São comuns as histórias zombeteiras sobre os lusitanos, contadas como se tivessem realmente acontecido. (...) Por normal, envolvem uma certa lentidão de raciocínio dos portugueses. (...) No Rio senti-me várias vezes um desativador de clichês, tentava desmontar ideias feitas e erradas. (...)” (2013, p. 152; nota de rodapé 9).

Evidentemente, o contrário também é verdadeiro. São muitas as características nada louváveis dos brasileiros que frequentam o repertório do português. Pretendo resgatar algumas dessas imagens relacionadas ao esporte, neste artigo, que faz parte de um projeto mais amplo, “O Brasil dos outros: representações de Brasil na literatura portuguesa do século XXI”, pesquisa que coordeno há alguns anos e que visa identificar e analisar quaisquer referências, implícitas ou explícitas, sobre o Brasil nas narrativas publicadas a partir do ano 2000. Especificamente aqui, quero mostrar como as referências ao esporte brasileiro acabam por habitar este mesmo terreno de estereótipos e preconceitos.

PALAVRAS-CHAVE

Esporte; Futebol;
Estereótipo;
Identidade;
Literatura

PALABRAS CLAVE

Deporte; Fútbol;
estereotipo;
identidad;
literatura

KEYWORDS

Sport; Football;
Stereotype;
Identity; Literature

Recibido:

19.04.2018

Aceptado:

31.07.2018

2. Exercitando o estereótipo: do esporte ao corpo

A história dos movimentos migratórios brasileiros para Portugal apresenta diferentes ciclos, e a forma como o brasileiro é percebido pelo português, também. A partir da Revolução dos Cravos, especialmente nos anos 1980 e 1990, Portugal começa a receber, paulatinamente, menos brasileiros oriundos da classe média e mais das classes menos privilegiadas, que chegam à Europa em busca de melhores oportunidades. Há uma explosão de imigrantes brasileiros, muitos graças às instabilidades políticas e econômicas vividas no Brasil, pós abertura democrática e durante a era Collor e seus sucessores.

De acordo com dados do Ministério das Relações Exteriores (MRE), em 2011 havia perto de 140 mil brasileiros em Portugal. O que muitos teóricos apontam, entretanto, é uma mudança nessa percepção do brasileiro pelo português. Conforme a historiadora Ana Scott (2010), passamos de “povo irmão, alegre e simpático” (p. 31) para o estereótipo de pessoas inconvenientes, malandras, aproveitadoras, sedutoras.

Darci Ribeiro, na obra *O povo brasileiro*, chama a atenção, por sua vez, para a forma como o brasileiro imigrante se comporta e é percebido em outros espaços. Para o antropólogo, por vezes é *fanática* a maneira como o brasileiro se identifica no exterior, especialmente porque lhe é difícil ficar fora do seu país: “Nosso país tem tanta seiva de singularidade que se torna extremamente difícil aceitar e desfrutar do convívio com outros povos” (2006, p. 223).

Deste modo, o brasileiro grita por fazer parte de uma comunidade própria, uma irmandade de compatriotas, mesmo em terreno alheio, porque, de acordo com Ribeiro, quase sempre esse lugar criado é por ele considerado melhor do que o espaço onde por circunstâncias está.

Ainda que algumas pesquisas careçam de uma credibilidade mais estatística, há uma série de enquetes que chamam a atenção por conta de seus resultados nada animadores para os brasileiros. Uma delas, publicada pela revista portuguesa Focus, em agosto de 2010, a partir de um universo de 1.539 entrevistados, traz números assustadores. Quase 75% dos entrevistados acham que os brasileiros são alegres e bem-

dispostos, 63% acham que são simpáticos e de trato fácil. Porém, quase 70% não consideram os brasileiros bons profissionais, 70% consideram os brasileiros desonestos e pouco sérios. O mais grave, segundo esta pesquisa, é que para quase 80% dos entrevistados, os brasileiros contribuíram para o aumento da violência em Portugal, da prostituição, do tráfico de drogas e do crime organizado.

Mesmo que questionássemos a pesquisa de uma revista, o fato é que seus resultados são coincidentes com os de trabalhos estatisticamente mais sérios, como o desenvolvido pela Plataforma de acolhimento e integração de imigrantes. Esta plataforma lançou, em 2011, a obra *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses: manifestação de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Trata-se de uma série de tabelas sobre a forma como o português vê os imigrantes e, entre eles, os brasileiros. Apresentemos apenas alguns desses resultados.

De acordo com a obra, para 75% dos portugueses entrevistados, os brasileiros são alegres e bem-dispostos, mas apenas 22% nos veem como sérios e honestos e 27% como competentes e cumpridores. Para a pergunta: somos muito diferentes deles (os outros, os imigrantes), em usos e costumes?, apenas 27% dos portugueses acredita que sim. Ou seja, somos muito mais próximos, para os portugueses, dos portugueses, do que, por exemplo, os europeus do leste (47% acreditam que sim, são diferentes) e os africanos (42%). Essa ausência de seriedade, contudo, parece permear as imagens percebidas também na ficção.

Os dados obtidos a partir da leitura das narrativas do século XXI comungam das mesmas características que traçam um perfil que beira o pejorativo e o estigma no que respeita aos brasileiros. De forma geral, o brasileiro desenhado nas obras literárias ocupa posições de subempregos, o que na economia japonesa se conhece como os 3 k, recuperados por Maxinel Margolis, Kitui (árduo), kitanai (sujo) e kiken (perigoso) (2013).

O universo da prostituição parece ser ainda o favorito. Sexo e sedução são armas constantes nas mãos das imigrantes mulheres, mas também de

alguns homens, de acordo com esses romances. Também é comum o desenho de personagens que trabalham como domésticas, faxineiras (mulheres a dias), babás, mas há registros que ligam os brasileiros aos serviços de restauração, da televisão e do futebol, caso que será mais explorado neste texto. De qualquer forma, são os brasileiros, em geral e recorrentemente, usurpadores, violentos, desonestos.

Há algumas referências a brasileiros que trabalham com o esporte. Na obra *A mão do diabo*, por exemplo, de José Rodrigues dos Santos, o narrador comenta sobre uma notícia na televisão, sobre uma “defesa brasileiro que custara dezassete milhões de euros” (2012, p. 76) ao clube do Porto. Esta passagem vai ao encontro da realidade atual, do grande mercado que Portugal representa ao futebol brasileiro.

Segundo dados do site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), beirava os 20% o total de jogadores vendidos a clubes portugueses na primeira década do século XXI. A estatística segue impressionante na década atual. Em 2015, conforme a CBF, cerca de 20% dos atletas brasileiros vendidos ao mercado exterior, e agora com a força da China a dividir a atenção dos boleiros, foram para Portugal. Das 691 transferências, 136 foram para o país lusitano. Em nível nacional, no início do século XXI, os brasileiros representavam um terço do total de estrangeiros que jogavam em Portugal.

Na temporada 2015-2016, por exemplo, ainda de acordo com a CBF, o campeonato principal de futebol, da I Liga, contou com 123 atletas brasileiros, numa média de quase sete por clube. Vale lembrar, ainda, que em Portugal, Luiz Felipe Scolari, ex-técnico do Grêmio, conquistou imensa popularidade quando treinou a seleção portuguesa de futebol, entre 2003 e 2008.

Felipão movimentou a torcida portuguesa, levando a sua seleção a uma final até então inédita na Eurocopa de 2004, quando foi derrotado em plena Lisboa pela Grécia, e às semifinais da copa do mundo de 2006, repetindo um feito que por quarenta anos não ocorria. A imagem de Felipão estampava revistas, outdoors e uma série de anúncios na televisão.

Outra força nesse sentido é Deco, ex-jogador do Fluminense, comprado pelo Benfica e depois vendido ao Porto, clube em que teria imenso destaque. O atleta tornou-se o primeiro jogador brasileiro naturalizado português a jogar pela seleção lusitana. Deco foi um dos grandes ídolos do clube do norte português, tendo inclusive sido homenageado com músicas da torcida do Dragão.

Glória maior seria alcançada por Pepe. O jogador brasileiro foi muito jovem a Portugal, começou a vida profissional no Marítimo, da Ilha da Madeira, em 2001, e depois foi vendido ao Porto. Também naturalizou-se português e fez carreira internacional no Real Madrid. Na seleção portuguesa fez história com o título inédito de campeão europeu de 2016, sendo o capitão do time. Logo, para o português, a associação do brasileiro com o futebol é muito comum.

Além disso, os clubes brasileiros nos quais esses técnicos e jogadores mais conhecidos trabalhavam, Grêmio, Flamengo, Fluminense, Vasco, Corinthians, São Paulo, igualmente despertaram a curiosidade do público português e ganharam visibilidade. Essa visibilidade do esporte brasileiro, capitaneado pelo futebol, pela magia da camisa da seleção, acaba condicionando algumas representações mais positivas.

O Brasil é ainda considerado uma força futebolística, um celeiro na formação de clubes competitivos e grandes craques, e isso não passa despercebido pela nova literatura portuguesa. Contudo, há também reducionismos. O protagonista da obra *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*, de Hugo Gonçalves, afirma: “Para mim o Brasil era apenas a telenovela da noite, a canarinha do Zico e o Ayrton Senna” (2013, p. 94). A redução é bastante comum, uma vez que a telenovela e o futebol brasileiros, juntamente com a idolatria que Ayrton Senna arrebatou, eram imagens exaustivamente frequentes na televisão portuguesa.

Fórmula 1, aliás, que traz à lembrança outros nomes, como o de Emerson Fittipaldi. Na obra *A gorda*, de Isabela Figueiredo, uma amiga da narradora mente que frequenta o *jet-set* porque é amiga de Fittipaldi: “Os policiais conheciam-na ou conheciam os pais, ricos, poderosos, ou

sabiam que era amiga do Fittipaldi, e deixavam-na circular” (2016, p. 35).

O estereótipo é praticado sob forma intensa. Primeiramente, a relação óbvia entre corpo bonito e esporte. O brasileiro e a brasileira, como já citei, recebem fortemente, na sua criação literária, a característica da sensualidade, da sedução. Portanto, muitas vezes o esporte é lembrado como hobby de pessoas que gostam da vida ao ar livre e possuem corpos malhados. Para que sejam mais concretas essas referências, pretendo reunir diversos exemplos retirados dessas obras contemporâneas.

Já no início do romance *Transa Atlântica*, de Mônica Marques, a narradora, portuguesa que vive no Rio de Janeiro, procura caracterizar a cidade e apresenta imagens relativas, especialmente, ao contraste social e ao universo solar. Ao arrolar algumas dezenas de palavras que seriam um resumo do carioca, ela inclui entre elas “o mar” e “os surfistas”. O corpo desses esportistas é lembrado em distintas passagens: “garotos malhados com os músculos à vista” (2011, p. 9), “Gosto de rapazes bronzeados” (p. 9), “Eu gosto de adolescentes de shorts descaídos com as suas bundas perfeitas” (p. 10).

A obsessão da narradora com o corpo do brasileiro e da brasileira é constante no livro. O corpo do *outro* é uma das razões pelas quais a narradora acaba por deixar de sentir saudades da terra natal: “A princípio não foi fácil, eu era uma portuguesinha na capital do suor. Depois, as cachaças mineiras, as bundas e os pretos da lapa fizeram o mais difícil. Ajudaram-me a esquecer Lisboa” (2011, p. 94).

Também o futebol de praia e o futevôlei são lembrados. Como um hábito arraigado desde a infância do brasileiro, a narradora comenta sobre uma ressaca do mar que teria impedido um dos maiores divertimentos do carioca: “as crianças não irão, depois da escola, ao futebol de praia. Pelo simples motivo de que o mar levou as balizas. Os gols, como se diz no Rio de Janeiro” (2011, p. 165).

Esta percepção do homem e da mulher com o corpo trabalhado pelo esporte, em academias

de ginástica, na praia, parece ser uma constante. No romance *Casas Contadas*, Leonor Xavier traz à tona o culto ao corpo que a cidade carioca idolatra: “Às seis da manhã eu estava em pé, e às sete e um quarto fazia ginástica três vezes por semana no Hotel Sheraton, já muito propriamente iniciada no vício ao corpo, como se deve na cidade do Rio de Janeiro” (2009, p. 225). O *como se deve* é bastante autoexplicativo.

A ode à bunda da brasileira, feita por Mônica Marques, é significativa: “ainda está para nascer o rabo português que se assemelhe aos alegremente passeados por uma brasileira” (2011, p. 34). A narradora, no texto obcecada pela bunda da atriz Juliana Paes, chega a perceber-se mais ‘brasileira’, porque com a bunda mais parecida, mas acaba por afirmar: “O meu rabo terá tido, em tempos idos, algumas semelhanças com essa coisa pecaminosa que é uma bunda brasileira. Se bem que, infelizmente, jamais tenha chegado perto do balanço. Admito” (2011, p. 34).

Ainda que não cite o esporte, também uma personagem de Inês Pedrosa, em *Dentro de ti ver o mar*, elenca a sensualidade como uma característica forte do Rio: “O Rio de Janeiro é sensualidade pura. A luz desta cidade não tem igual – e a beleza das baías é de entontecer. Impossível que tu não gostasses da cidade e de seus habitantes. Podes até não gostar do Brasil, mas o Rio é irresistível” (2012, p. 238). Como se a beleza geográfica provocasse um entorpecimento também transferido às curvas e sensualidade das pessoas.

Uma personagem de Rita Ferro apresenta um Brasil como espaço de grande tensão sexual: “Não foi no Brasil que perdi a virgindade, mas foi lá que acordei para certas realidades. Inevitável. A tensão sexual à minha volta era tamanha...” (2005, p. 27), uma vez que “o sexo era ali uma presença tão forte que se cheirava. As mulheres vestiam pouca roupa e a que traziam era, deliberadamente, provocante” (p. 104).

A construção literária, portanto, do corpo é associada a um instrumento de sedução, de promiscuidade, de provocação. Na mesma obra, a narradora intensifica a relação, adicionando elementos de um primitivismo selvagem. Ela afirma que no Brasil, o *desvario* e a *sofreguidão* eram tão irreprimíveis que havia uma “voragem

carnal quase animalesca” (2005, p. 45) que fazia as pessoas todas, incluindo portugueses, agir instintivamente.

Para Eric Landowski, na obra *Presenças do outro*, “toda a diferença de comportamento um pouco marcada, pela qual o estrangeiro trai a sua proveniência, parece, para ele (o grupo dominante), extravagância despida de razão” (2012, p. 6). Landowski considera que esta diferença de comportamento, por vezes, constrói um conceito de excentricidade. E essa excentricidade é aceita em doses pequenas, no lugar de origem do ‘ser estranho’. Longe de seu contexto, os estrangeiros “criam desordem, e sua incongruência logo os torna insuportáveis” (2012, p. 7).

A associação do brasileiro com o sexo é trabalhada pela pesquisadora Linda-Anne Rebhun, quando afirma que o Brasil “carrega uma imagem internacional de playground sexual” (2004, p. 183). Esta faceta carnal e libidinosa por certo tem relação, no imaginário, com os primeiros povos indígenas. Ou melhor, com a maneira como estudiosos (mesmo brasileiros) viam os indígenas.

Paulo Prado, em *Retrato do Brasil*, afirma que era o índio “um animal lascivo, vivendo sem nenhum constrangimento na satisfação de seus desejos carnis” (1981, p. 21). Freyre segue a mesma diretriz, ao potencializar uma sexualização na imagem de nossas nativas, “Índias nuas e de cabelos soltos do Brasil (...) doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo” (2006, p. 71). A escolha do vocabulário não pode passar despercebida: *doidas e ardentes*. O sociólogo compara-as com as mulheres mouras, fruto antigo do desejo dos portugueses, ressaltando que as índias são, apenas, mais fáceis: “menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos caraíbas gulosos de mulher” (2006, p. 71).

A esta visão distorcida da indígena, podemos acrescentar uma posterior, a da negra e da mulata. A naturalização do papel de subserviência destinado à mulher só não é mais chocante do que o lugar destinado para a mestiça. Mulata, aliás, que é glorificada, de acordo com Freyre, pelo português. “Glorificação da mulata, da cabocla,

da morena celebrada pela beleza dos seus olhos, pela alvura dos seus dentes, pelos seus dengues, quindins e embelegos” (2006, p. 72).

Os *dengues*, *quindins* e demais atributos, sempre físicos, das mulatas têm sido reiteradamente salientados na literatura, pegando ainda carona no imaginário das mulatas de Osvaldo Sargentelli e seus shows nas casas noturnas pelo Brasil, em imagens que percorreram o mundo. Há, portanto, qualquer coisa de mágico no poder da mulher brasileira frente aos homens europeus.

Hélène Joffe, em “Degradação, desejo e ‘o outro’”, sublinha o choque entre depreciação e desejo que o outro, o diferente, causa. Joffe lembra que muitas vezes os povos que não se encaixam no padrão ocidental europeu “são vistos como possuidores de magia negra, mentalidade primitiva, animismo e erotismo animal” (1998, p.110).

Homi Bhabha apresenta uma interessante reflexão que pode ser relacionada com esse desenho de elementos quase primitivos na imagem do *outro*. O pensador afirma que fazia parte da cartilha do discurso do colonizador apresentar “o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução” (1998, p. 111). Como se o choque do português com o brasileiro fosse ao encontro dos desejos de recivilizar este outro que ainda (sublinhemos o ainda) não aprendeu a ser, de fato, civilizado. Portanto, a representação do corpo do brasileiro e da brasileira carrega esse lastro histórico e simbólico.

Na obra *O chão de pardais*, de Dulce Maria Cardoso, temos mais um caso de corpo a serviço do encantamento, agora de um imigrante brasileiro que atua como *personal trainer*. Ele arranca suspiros das empregadas da casa onde trabalha. Contudo, além da aparência física, é ressaltado o caráter mentiroso do brasileiro, que aliás vem ao encontro daquelas características já arroladas aqui, que permeiam inclusive a percepção do português nas pesquisas. Observemos a passagem:

O senhor corre que nem jovem de vinte anos, mente-lhe Matheus, o brasileiro, enquanto Afonso corre na passeadeira

(...) Matheus, o **jovem musculado** que **inquieta** as empregadas sempre que vai à cozinha tomar café, **nunca para de mentir** e passa-o para a máquina-bicicleta que tem um televisor à frente (2009, p. 68, grifos do autor).

Construção similar aparece no romance *A casa quieta*, de Rodrigo Guedes de Carvalho. Nele, uma professora de hidroginástica brasileira também utiliza da técnica da falsa ilusão de vigor junto a suas alunas idosas:

num lento bailado que **desentorpece** os ossos, a saltitarem subitamente leves, de **olhos fixos numa monitora brasileira** que os **incita** e repete constantemente que velhos são os trapos, enquanto eles e elas **fazem por acreditar**, com dois passinhos para a esquerda, dois passinhos para direita, rodopiam, dão por vezes as mãos e batem palmas no fim, **afogueados**, com a sensação de uma missão cumprida (2005, p. 42, grifos do autor).

O corpo é trabalhado na ginástica, no futebol e também na capoeira, que ocupa uma linha tênue entre dança e esporte. Há registros de referências a brasileiros e a capoeiristas, que gingam, com o dorso nu, em praças, parques e praias. Reparemos como o esporte e o Brasil estão de fato atrelados a essa imagem de exposição, no sol, do corpo semidespido e seus músculos.

A pesquisadora Heloisa Bruhns (2000) sustenta a tese da aproximação, inclusive, do futebol, da capoeira e do carnaval como categorias sociológicas, manifestações culturais que provêm de um registro considerado não civilizado e que, até hoje, sofrem uma espécie de desdém da elite. Além dessa origem ‘bárbara’ em comum, as três manifestações carregam a ginga do corpo. Para a pesquisadora, a ginga mostra possibilidades de identificar um jeito de ser brasileiro, que utiliza seu corpo com malemolência.

Bruhns ainda lembra que as três trazem uma outra categoria, a do malandro, a da malandragem, justamente a partir desse elemento corporal. Diz a pesquisadora: “É interessante notar como essa mesma cultura ‘pobre e atrasada’ é evocada

para representar a identidade nacional; é o caso da capoeira, do carnaval, do futebol, de danças folclóricas, artesanato do litoral pesqueiro, entre outros. Nessa evocação, as diferenças e desigualdades são encobertas” (p. 18).

3. Alegria, alegria: clubes e craques no país do futebol

Poucos narradores estrangeiros conseguem ver no esporte uma possibilidade de fugir da curva da miséria. *Deus-dará*, de Alexandra Lucas Coelho, é um desses raros exemplos: “Ser bom de bola no Brasil será o grande lance contra acabar enterrado pela polícia, pela milícia, por algum tribunal do tráfico antes dos vinte” (2016, p.107). Ou seja, o futebol é a sobrevivência, a possibilidade de fortuna, de fugir de um destino incerto e pouco esperançoso.

Mesmo quando a seleção brasileira, os clubes mais populares e jogadores craques são lembrados, o caráter da beleza do brasileiro ainda está, com certa frequência, atrelado. Em *Casas Contadas*, a narradora relembra os anos 80, quando “as mães das crianças inscritas no Flamengo lá iam à sede no Leblon sempre que o Zico treinava, para ver-lhe as pernas, medir-lhes a habilidade, sonhar um pouco” (2009, p. 237).

Em *Longe de Manaus*, o protagonista português convive com Helena, brasileira fanática pelo São Paulo, apaixonada por Raí: “levantava-se quando ele engatava uma corrida, suas jogadas, levantava-se quando seguia com a bola pela direita do campo” (Viegas, 2006, p. 64). O jogador de futebol, portanto, também assume uma faceta de símbolo sexual.

Além da forte associação do esporte com o corpo, e do corpo com o estereótipo da beleza e da sedução, também o futebol aparece com referências a um fanatismo da torcida e à alegria do brasileiro. Exemplos do ritual futebolístico, torcida na rua, estádios cheios, são reiteradamente desenhados nestas narrativas. Ainda em *Longe de Manaus*, Helena “lembrou-se que estava perto

do Pacaembu, e que havia lixo ainda da noite anterior, porque houvera jogo no estádio. Ah, sim, ela preferia o Morumbi cheio de gente quando jogava o São Paulo e, sobretudo, quando o São Paulo ganhava” (Viegas, 2006, p. 64).

O Flamengo é dos clubes futebolísticos mais citados. O namorado da protagonista de *Transa Atlântica* é torcedor rubro-negro: “Sempre sentado atrás do silêncio da ventoinha e escutando músicas fáceis, no radinho a pilhas. Parece mais feliz nos dias em que joga o Flamengo, parece-me sempre feliz. Mas eu sou Fluminense. A classe média é fluminense” (Marques, 2011, p. 24). Na passagem, além de um registro deste brasileiro ter poucas luzes, ou pouca cultura, porque escuta músicas fáceis, chama a atenção a paixão clubística como diferenciador social: a elite torce para o Fluminense, o povo para o Flamengo.

Outro aspecto interessante da passagem é a presença do futebol como elemento que modifica o humor ou possui a capacidade da integração, de acordo com a vitória/derrota de seu time, fato que se repete no texto *Desamparo*, de Inês Pedrosa: “fosse com ele ao Maracanã ver uma ou outra final de campeonato com o glorioso Flamengo. O clube de futebol servia de catalisador emocional entre aquele pai e aquele filho que agora já nada tinham em comum” (2015, p. 99).

Na cena, é o Flamengo o único laço restante entre um pai e um filho que já pouco se veem. A falta de assunto entre a narradora de *Transa Atlântica* e seu namorado é tanta que “muitas vezes, quando não tínhamos assunto ou eu estava de saco cheio de falar de mim, discutíamos as idiossincrasias da Madonna ou do Ronaldinho” (Marques, 2011, p. 27). Portanto, muitas vezes, só o futebol salva. Vem a calhar o que diz a pesquisadora Fátima Antunes, na obra *Com brasileiros, não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. Diz Antunes: “O futebol é uma espécie de língua franca: são pequenas as possibilidades de encontrar um interlocutor que não saiba falar minimamente sobre ele” (2004, p. 18).

Por tratar-se de obras portuguesas, o Vasco da Gama, evidentemente, também é um dos clubes brasileiros mais citados. Em *Deus-Dará*, Tristão,

português radicado no Rio, busca uma amiga portuguesa recém-chegada no aeroporto. Na volta, pegam um táxi cujo motorista, imigrante português, traz todo um fanatismo pelo Vasco. Ele tem a cruz símbolo do time no veículo e um jogador pendurado no espelho. “O senhor é um vascaíno daqueles – começa Tristão”. E o taxista responde: “Isso aí, meu filho, eu não sou torcedor, eu sou devoto” (Coelho, 2016, p. 21).

Em *O anjo branco*, de José Rodrigues dos Santos, o Vasco da Gama recebe destaque por conta de um personagem português que emigrara ao Brasil e fora o primeiro jogador a marcar gol no recém-criado clube. O narrador ressalta a torcida, a rivalidade, as ‘flautas futebolísticas’: “Como é bom de ver a rivalidade e as brincadeiras estenderam-se ao futebol” (2010, p. 66). Sobre o personagem, conta:

O tio de José, irmão do capitão Branco, havia emigrado para o Brasil aos quinze anos e tornara-se atleta do Clube de Regatas Vasco da Gama, a agremiação dos portugueses que viviam no Rio de Janeiro. Chamava-se Adão, mas todos o conheciam por Tuja, e entrou na história do futebol brasileiro por ser o primeiro jogador a marcar um golo com as cores do Vasco da Gama, feito que enchia de orgulho todos os parentes de Penafiel. Ciente do seu estatuto de estrela desportiva da família, o tio Tuja enviava regularmente jornais cariocas com informações sobre o futebol brasileiro, em particular sobre o glorioso Vasco da Gama, e também cromos onde figuravam as principais vedetas da bola - entre as quais ele próprio, claro (2010, p. 66).

O trecho é longo, mas interessante, também porque aponta que essa dedicação ao futebol sai de dentro do campo e habita um imaginário lúdico. Os álbuns de figurinhas (cromos) dos clubes fazem muito sucesso e inspiram os portugueses a elencar seus próprios times no futebol de botão, bastante popular no Brasil nos anos 1970, 1980, e que ainda hoje reserva adeptos saudosistas. O narrador elenca grandes craques da história vascaína, que brilhavam nas partidas, de brincadeira, em Portugal:

As estrelas do Vasco da Gama, cujas cores José defendia sempre com galharda valentia, eram o guarda-redes Barbosa e o temível avançado Ademar, embora a principal figura da equipa fosse, como parece inevitável, o grande Tuja, o maior goleador do campeonato brasileiro que se disputava na casa dos Branco, em Penafiel. Justino, por seu turno, assumia o comando do Olaria, clube que contava com uma mão-cheia de craques de nomes bizarros, entre os quais pontificavam Juraci, Marmurato, Bilulu, Sula, Januário e Adalto, todos eles correspondentes a futebolistas que de facto alinhavam por aquele clube - pelo menos a acreditar nos cromos enviados do Rio de Janeiro pelo tio Tuja (p. 66).

O Vasco e sua camiseta, igualmente fruto de lembrança enviada por um português emigrado, também é lembrado por uma personagem da obra *Última paragem Massamá*: “a camisola desbotada do Vasco da Gama, do Vasco, como lhe chama a torcida, cortesia de poliéster enviada por um primo emigrado no Rio de Janeiro há um ror de anos e guardada a salvo da traça” (Vieira, 2011, p. 113).

Para fechar as referências ao futebol carioca, o quarto grande, Botafogo, é lembrado a partir do maior craque da sua história, em *Deus-Dará*: Garrincha, que “morreu aos 49 anos, após centenas de mulheres, garrafas de cachaça e dribles tão inexplicáveis quanto o milagre” (Coelho, 2016, p. 319). Um atleta que “só não foi o melhor jogador brasileiro porque em 1940 nasceu, lá nas voltas de Rio Verde, o mineiro que veio a ser eleito melhor jogador do século” (p. 319).

Pelé, claro, é um dos jogadores mais citados. Em Irene ou o contrato social, é comparado a Eusébio como um grande craque. Em *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, um personagem brinca que Teófilo Cubillas, craque peruano que jogou no Porto, seria “o melhor jogador sul-americano de 1972, melhor que o Pelé” (2010, p. 72).

Templo sagrado do futebol brasileiro, o Maracanã é bastante lembrado. Em *Deus-dará*, Tristão visita o estádio: “Difícil apanhar o nome todo na

fotografia, só em panorâmica” (Coelho, 2016, p. 309). E lá, revive memórias antigas: “Diante do Maracanã, a sua emoção é, pois, toda adulta, construída. Bloqueou o futebol da adolescência, só voltou lá antropólogo. Quando se mudou para o Brasil, o estádio já entrara em obras para Copa e Olimpíada” (p. 310).

O narrador traz a história da construção do estádio e de alguns jogos emblemáticos, como a derrota para o Uruguai em 1950: “Estavam presentes 199854 pessoas, recorde de público, e de corações esfaqueados ao vivo” (p. 315), e conclama grandes jogadores brasileiros de todos os tempos, que lá disputariam uma partida imaginária: “E o toque divino será aquele drible de Garrincha, convocando todo o mundo: Pelé, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Sócrates, Zico, Romário, Ronaldo, Ronaldinho e Neymar². Só diante do maraca dá para imaginar esse time” (p. 310). E finaliza, potencializando o caráter mítico do estádio: “De resto, o Maraca fez notícia além das balizas. E até hoje, mesmo com a reforma, é o campeão mundial dos estádios, pouco importando que não o seja em números” (p. 319).

Em *Última paragem Massamá*, há um personagem coadjuvante brasileiro, gaúcho Edson, torcedor do Grêmio de Porto Alegre “quem sabe este ano o campeonato vai para o Grêmio, quem dera ter um gaúcho com quem comemorar. Mesmo que à distância” (Vieira, 2011, p. 17).

A seleção do Brasil possui inúmeras referências. Em *Peregrinação de Enmanuel Jhesus*, um personagem estrangeiro diz que torceria para o Brasil numa partida de futebol. Em *O teu rosto será o último*, de João Ricardo Pedro, um personagem “assistia, na televisão salpicada por ruído eletromagnético, ao jogo entre a Argentina e o Brasil” (2012, p. 38).

No romance *Os linhos da avó*, de Rosa Lobato de Faria, a final da copa do mundo de 2002, partida que dá o pentacampeonato à seleção canarinha, é lembrada com minúcia pela narradora: “O bebé dormia e, contra os seus hábitos, Isabel ligou a televisão. Qual não foi o seu espanto quando percebeu que tudo se preparava para o grande desafio Brasil — Alemanha” (2004, p. 71).

Como uma torcedora fanática, a personagem anota numa cadernetinha os principais movimentos do jogo: “Registou que aos cinquenta e dois segundos se deu o primeiro ataque do Brasil e aos dois minutos e vinte e três um remate de Kleberson, que falhou. Que aos cinco minutos e dezoito Roque Júnior cometeu uma falta sobre Neuville e viu o cartão amarelo” (p. 71). Descreve o primeiro gol da vitória do Brasil: “finalmente, aos sessenta e seis minutos e cinquenta segundos, o golo de Ronaldo, assistido por Rivaldo, enche de palmas, algazarra e samba a torcida verde e amarela” (p. 73). O lance foi seguido de algazarra e samba, registro que coincide com o aspecto festivo que o estrangeiro confere ao brasileiro. Isabel também anota o gol do título: “e aos setenta e oito minutos e vinte e cinco segundos o segundo golo do Brasil, de novo por Ronaldo assistido por Rivaldo, e é o delírio. A Alemanha ainda remata, por Bierhoff, mas Marcos defende e o Brasil sagra-se pentacampeão do Mundial de Futebol” (p. 73).

Delírio e festa são expressões que permeiam essas narrativas. Em *O reserva*, de Rui Zink, há um registro que acentua esse exagero na comemoração, quando um pai esquece que carrega o filho recém-nascido no colo e o atira pra cima:

No Brasil, um pai de família, carinhoso, que gostava tanto do filho, de apenas três meses, que o embalava em seus braços, explodiu de alegria quando o outro amor da sua vida, a equipe canarinho, marcou um gol num jogo da Copa do Mundo. E a criança voou pelo ar... (2000, p. 176).

O tom do discurso revela que não levamos as coisas tão a sério como deveríamos, mas há sempre a desculpa de que somos alegres por demais, e essa *alegria contagiante* que nos toma é potencializada em grandes eventos, como o carnaval ou uma partida de futebol.

Nesse sentido, num estudo que recupera Roberto DaMatta e Lilia Schwarcz, Ilana Goldstein sublinha a força da festa na cultura brasileira. Segundo ela, “o peso das relações pessoais nas formas brasileiras de sociabilidade, a importância das festas na cultura popular e as persistentes alusões

à mestiçagem são elementos que recheiam uma identidade brasileira genérica” (2003, p. 32), identidade essa que será reforçadamente repetida por meio do *exagero* e do *estereótipo*, a fim de que seja contraposta com a de outras nações.

Somos um país festeiro, carnaval em todas as estações, repleto de gente a dançar de alegria pelas ruas. Especialmente em dias de futebol. Como na generalização do que o brasileiro (pobre) quer, proferida no texto *Longe de Manaus*, de Viegas:

Pobre quer ordem na rua, quer pegar o ônibus para ir trabalhar na casa dos ricos, quer traficante preso, quer putinha em casa, quer esmola, quer Corinthians, Palmeiras, Flamengo, Vasco, quer o seu time ganhando, quer cachaça barata, feijão, essas coisas de pobre (2006, p. 270).

Ou seja, o pobre não quer muita coisa além de poder desempenhar seu papel de subalternidade com segurança na rua, com prostituta na cama, com feijão na mesa e futebol para alegrar aos domingos. Aliás, criar desordem, seja na segurança da cidade, seja no conforto estabelecido nas famílias, parece ser uma ação recorrente dos brasileiros que habitam as narrativas estudadas, um estigma que o brasileiro carrega.

Um dos pioneiros na abordagem conceitual do estigma é o sociólogo e antropólogo Erving Goffman. A definição de Goffman de estigma como um atributo que é profundamente depreciativo serve de referência para diversos estudos. Para o autor, “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas” (1981, p. 5), especialmente quando há os desvios daquilo que é considerado o ‘normal’ numa determinada sociedade. Isso é o que ocorre, muitas vezes, nas referências sobre o Brasil.

4. O que se vê e como se vê: algumas reflexões finais

De citações com alguma admiração ao talento do brasileiro, num rol de craques e clubes esportivos que povoam as novas narrativas portuguesas, à relação do corpo deste brasileiro, do seu corpo esportivo e por isso cuidado, talhado, malhado, de um corpo que se presta à sedução, ao encantamento, as referências ao esporte na literatura de Portugal do século XXI são muitas, mas reduzidas a um mesmo espectro, como pretendi aqui mostrar.

Este artigo colecionou diferentes recortes e passagens desses textos com a intenção de compor uma espécie de mural de representações do brasileiro associadas ao corpo e ao esporte. Porque o corpo traduz o sujeito. O pesquisador Luís Lucini, no texto *Corpo: interface do desejo* (2013) com a aprendizagem, revisando a teórica Sara Paín, afirma que “o corpo é visto como o próprio sujeito”, pois “a matéria orgânica a qual é modelada pelo sujeito já consiste uma representação dramática, sendo possível assim observar nessa representação a manifestação de um ego em movimento” (p. 11). Assim, os corpos de brasileiros e brasileiras representam quem eles são: o corpo que dribla, o corpo que se deixa ser visto, o corpo que atrai desejos maliciosos.

Professor da PUC de Minas Gerais, Sérgio Rodrigues, no texto *A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault* (2003), sublinha a obsessão pelo corpo, o culto pela boa forma através de academias, cirurgia plástica, e aponta: “Toda essa preocupação excessiva com o corpo contrasta com o fato de que ele continua sendo um objeto desvalorizado” (p. 109).

Isso porque, de acordo com o pesquisador, o corpo está submetido a um regime de poder que acaba por aprisioná-lo. Rodrigues lembra que o corpo muitas vezes foi, na filosofia, separado da alma, no processo de dualismo psicofísico (p. 109). Por conta disso, o corpo carrega a faceta da matéria, da aparência, do efêmero em contrapartida com o espiritual. Rodrigues lembra que filósofos como Merleau-Ponty, Nietzsche, Spinoza e Michel Foucault criticaram essa dualidade.

Importante chave de leitura para o pesquisador é o estudo a partir de Foucault, que determina que o corpo será interpretado de acordo com o

olhar do outro. Diz ele: “O corpo não tem um valor em si mesmo, mas um valor dependente do lugar que ele ocupa” (p. 112). Rodrigues afirma que não existe *intelectualidade neutra* e que todo o olhar traz uma interpretação, um *lugar de poder*, e que por isso:

a necessidade do trabalho excessivo, seja escravo ou mecanizado, as restrições morais e religiosas a algumas práticas corporais, principalmente aquelas ligadas à sexualidade, a visão do corpo como fonte de pecado e degradação levaram a sociedade a exercer um controle severo sobre o corpo, para que ele se mantenha produtivo. A novidade surgida após a modernidade é que a coerção exercida sobre o corpo passa a ser fundada em saberes racionais e científicos (p.113).

O corpo do brasileiro é especialmente aprisionado em preconceitos seculares. Além de receber um olhar verticalizado, de cima para baixo, porque visto como inferior, primitivo, parece sempre carregar também um aspecto de sedução que, na verdade, é ali posto pelo olhar do outro. Impossível separar corpo da interpretação que o outro lhe dá. O corpo do brasileiro recebe destaque; ele tira o personagem português, com quem entra em contato, da sua zona de conforto, a partir da perspectiva de quem narra essa história (no caso aqui, sempre o europeu).

Angela Arruda, no texto *O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro*, volta para o Brasil colônia para debater a representação do brasileiro ainda hoje:

A negra era vista como superexcitada sexual, mas também como doce objeto de satisfação dos caprichos dos brancos – tentadora e dócil. Ainda hoje a figura da mulata de exportação faz dos atributos sexuais enformados no modelo escravocrata, ao mesmo tempo uma marca da raça e um emblema da sensualidade brasileira (1998, p. 32).

Os vícios que o corpo carrega, vistos pelo outro, impregnam sua condição ‘civilizada’ e levam esse sujeito a fazer coisas que ele nunca pensou em

fazer, num processo recorrente de culpabilização do estranho, do selvagem, do primitivo, do brasileiro. Como se o Brasil e o brasileiro fossem um salvo-conduto para o português.

É certo perceber que a obra de arte, aqui incluída a literatura, não reflete a realidade social de uma forma não-mediada, como postula Robert Stam. Ela alegoriza, categoriza, estiliza, caricatura (p. 456) essa realidade. Assim, os romances que aqui foram pesquisados adentram um pântano secular de imagens e de lá retiram também a matéria de sua criação.

Desta forma, o esporte, em especial o futebol, é elemento percebido como espaço de gentes talentosas. Faz com que narradores lembrem craques e clubes, ressaltem suas habilidades, mas também isso habita um espaço de estereótipo pretensamente positivo, como se nada mais pudéssemos ser, além de habilidosos com uma bola. Características positivas, por exemplo, que são sempre elencadas ao brasileiro, como um ser bem-disposto, simpático, pacífico, e no caso deste estudo, esportivamente habilidoso, munido de um corpo bonito e sedutor, não conseguem camuflar o forte processo de estereotipização aí imbuído, como bem lembrou Robert Stam, no texto “Os potenciais da polifonia”: reflexões sobre raça e representação (2008).

Além disso, essa rara habilidade com a bola provoca no povo, também de acordo com as narrativas, tamanha comoção que parece habitar um campo primitivo, de alegria boba e exagerada, capaz de fazer um torcedor jogar para o alto seu bebê na comemoração do gol, capaz de fechar as ruas das cidades, permitindo que o brasileiro faça aquilo que mais gosta: festa.

Neste sentido, o esporte tem forte papel na percepção da identidade do brasileiro, ou melhor dizendo, na montagem do que se espera de um brasileiro típico, padrão, que o estrangeiro insiste em enxergar, ou que talvez nós insistimos em vender, em exportar. Um país quase predestinado aos sucessos futebolísticos desde o seu descobrimento, como brinca o antropólogo Luiz Henrique de Toledo, ao afirmar: “A terra é plana e chã, excelente, portanto, para a prática do futebol, sentenciava um cronista paulistano em meados dos anos 40, recorrendo, jocosamente,

à conhecida e emblemática carta de Pero Vaz de Caminha” (2000, p. 7).

Os exemplos aqui trazidos, de obras lançadas há poucos anos, habitam um imaginário que tem sido construído por séculos. As discussões que permeiam esse manancial de imagens não se esgotam num único texto, é claro, mas devem sempre servir de ponto de partida para reflexões que possam justamente fortificar esse debate e tentar compreender melhor não apenas a imagem que temos de nós mesmos, mas também a imagem que os outros fazem de nós.

NOTAS

¹ Aliás, chama a atenção uma nova vaga de imigrantes brasileiros, motivados a viver em Portugal desde a crise política que assola o Brasil, por volta de 2015. Portanto, diferentemente da grande onda de imigração dos anos 2000, quando pessoas de um estrato social mais baixo procuravam o país ibérico para uma nova vida, agora o perfil aponta para famílias de uma classe média-alta, desiludidas com o atual momento político-social do Brasil.

² Cabe sublinhar que a lembrança dos jogadores, nas obras, obedece a uma lógica que remete ainda o futebol ao universo masculino. Nenhuma referência à Marta, jogadora brasileira cinco vezes consecutivas considerada a melhor do mundo, foi encontrada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Antonio, J. H. & Policarpo, V. (Coords.) (2011). *Os imigrantes e a imigração aos olhos dos portugueses. Manifestação de preconceito e perspectivas sobre a inserção de imigrantes*. Lisboa: Ed. Fundação Calouste Gulbenkian.

Antunes, F. (2004). *Com brasileiros, não há quem possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: Unesp.

Arruda, A. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In A. Arruda (Org.) (1988). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Ed. Vozes.

Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG.

Bruhns, H. (2003). *Futebol, carnaval e capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas: Papyrus.

Cardoso, D. (2009). *O chão dos pardais*. Alfragide: ASA.

Carvalho, R. G. (2006). *A casa quieta* (7ª ed.). Lisboa: Dom Quixote.

Coelho, A. L. (2016). *Deus-Dará*. Lisboa: Tinta da China.

Confederação Brasileira de Futebol. Recuperado de [https://www.cbf.com.br/]. Consultado [11-04-2018].

Faria, R. L. (2004). *Os linhos da avó*. Lisboa: ASA.

Ferro, R. (2005). *Não me contes o fim*. Lisboa: D. Quixote.

Figueiredo, I. (2016). *A gorda*. Alfragide: Caminho.

Freyre, G. (2006). *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 51ª ed.

Goffman, E. (1981). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo: Zahar.

Goldstein, I. (2003). *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: Ed. Senac.

Gonçalves, H. (2013). *Enquanto Lisboa arde, o Rio de Janeiro pega fogo*. Alfragide: Casa das Letras.

Joffe, H. Degradação, desejo e 'o outro'. In A. Arruda (Org.) (1998). *Representando a alteridade*. Petrópolis, Ed. Vozes.

Landowski, E. (2012). *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva.

Lino, F. (2017) A nova vaga de imigrantes brasileiros. *Negócios on-line*. 27 de maio. Recuperado de [https://www.jornaldenegocios.pt/weekend/detalhe/a-nova-vaga-de-imigrantes-brasileiros]. Consultado [24-03-2018].

Lopes, M. & Simões, P. (2010) O segredo da mulher brasileira. *Revista Focus*, 565, 116-127.

- Lucini, L. A. (2013). *F. Corpo: interface do desejo com a aprendizagem*. Dissertação de mestrado. Uniritter, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Mãe, V. H. (2010). *A máquina de fazer espanhóis*. Carnaxide: Alfaguara.
- Margolis, M. (2013). *Goodbye, Brazil. Emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Editora Contexto.
- Marques, M. (2011). *Transa Atlântica* (2ª ed.). Lisboa: Quetzal.
- Mendes, P. R. (2013). *Peregrinação de Enmanuel Jhesus*. Rio de Janeiro: Tinta da China.
- Pedro, J. R. (2012). *O teu rosto será o último*. São Paulo: Leya.
- Pedrosa, I. (2012). *Dentro de ti ver o mar*. Alfragide: D. Quixote.
- Pedrosa, I. (2015). *Desamparo*. Alfragide: D. Quixote.
- Prado, P. (1981). *Retrato do Brasil: Ensaio sobre a tristeza brasileira*. São Paulo: IBRASA/INL.
- Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rodrigues, S. (2003). A relação entre o corpo e o poder em Michel Foucault. *Psicologia em Revista*, 109-124.
- Santos, J. R. (2012). *A mão do diabo*. Lisboa: Gradiva.
- Santos, J. R. (2010). *O anjo branco*. Lisboa: Gradiva.
- Scott, A. S. (2010). *Os portugueses*. São Paulo: Contexto.
- Stam, R. Os potenciais da polifonia: reflexões sobre raça e representação. In R. Stam (2008). *Multiculturalismo Tropical*. São Paulo: USP.
- Toledo, L.H. (2000). *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Viegas, F. J. (2006). *Longe de Manaus*. Lisboa: ASA.
- Vieira, P. (2011). *Última paragem Massamá*. Lisboa: Quetzal.
- Xavier, L. (2009). *Casas contadas* (2ª ed.). Alfragide: ASA.
- Zink, R. (2000). *O reserva*. São Paulo: Planeta.